

## A VARIAÇÃO NA REFERÊNCIA À SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA FALA DO RIO DE JANEIRO

VERA LÚCIA PAREDES SILVA  
(UFRJ)

O quadro de pronomes pessoais geralmente apresentado em nossas gramáticas não é o que se realiza nos diversos dialetos do português brasileiro. Ao mesmo tempo em que mantém formas em desuso, como vós, não inclui no sistema a forma voçê, à qual é atribuído o status de pronome de tratamento: para as gramáticas, o pronome de 2ª. pessoa do singular é tu. No entanto, Said Ali em sua Gramática Secundária, já observava que o pronome tu tinha “uma aplicação muito limitada” e que no Brasil vinha sendo “desbancado pelo termo voçê”. (p.62) Estudos mais recentes, como o de Lemos (1991) e o de Ilari et alii (1996), ambos baseados em inquéritos do projeto NURC, consideram voçê a verdadeira forma de segunda pessoa no português do Brasil. Para os autores, o pronome tu só sobreviveria no sul do país.

Nos últimos anos, contudo, uma nova componente vem alterando esse quadro na fala carioca. Trata-se do sujeito pronominal tu, acompanhado de verbo na terceira pessoa do singular, num uso claramente não-padrão, concorrendo com voçê como tratamento de intimidade. Não é propriamente um fenômeno novo, uma vez que também se constata nos dialetos sulistas, mas sua introdução no Rio de Janeiro vem-se fazendo paulatinamente. Assim, no dialeto aqui estudado, temos atualmente as seguintes formas referentes à segunda pessoa do singular, todas acompanhadas de verbo na terceira pessoa: o(a) senhor(a), voçê, tu, e ainda a possibilidade de ausência de pronome (zero).

Neste trabalho procuro recuperar a trajetória do pronome sujeito de segunda pessoa do singular no português falado no Rio de Janeiro (1). Para tanto, lanço mão dos recursos que a sociolinguística quantitativa de orientação laboviana oferece. Isso significa que estou tratando a expressão da segunda

pessoa como uma variável, compreendendo as variantes tu, você, o senhor e zero, que se equivalem na referência à pessoa com quem se fala. Procuo estabelecer correlações entre o uso dessas variantes e fatores de natureza linguística e social. Os dados são submetidos a tratamento estatístico através do pacote de programas computacionais VARBRUL (cf. Pintzuk, 1988).

No intuito de traçar um pouco da história dessa variação na fala carioca, recorreu-se a peças teatrais — um gênero de discurso que, apesar de não ser espontaneamente oral, procura reproduzir com alguma naturalidade situações de diálogo. Nosso *corpus* se constitui de onze peças teatrais de autores nascidos no Rio de Janeiro ou que tenham retratado aspectos da vida carioca. Como o alvo da investigação eram as formas de segunda pessoa na fala informal, um dos critérios para a seleção de peças foi haver em cena personagens pertencentes a diferentes gerações, de preferência membros de uma mesma família, para observar o emprego das formas de tratamento mais íntimo.

A idéia inicial foi trabalhar com uma peça a cada intervalo aproximado de 20 anos. No decorrer da análise, porém, ao nos depararmos com as novas ocorrências do pronome tu a partir de textos de 1957, resolvemos ampliar o universo de autores. Até o momento, o *corpus* está assim constituído:

| PEÇA                        | AUTOR                      | DATA |
|-----------------------------|----------------------------|------|
| Quem casa quer casa         | Martins Pena               | 1845 |
| Maldita parentela           | França Júnior              | 1871 |
| O dote                      | Artur Azevedo              | 1907 |
| Onde canta o sabiá          | Gastão Tojeiro             | 1921 |
| A vida tem três andares     | Humberto Couto             | 1938 |
| A garçonnière de meu marido | Silveira Sampaio           | 1949 |
| Pedro Mico                  | Antonio Callado            | 1957 |
| Gimba                       | Gianfrancesco Guarnieri    | 1959 |
| Rasga coração               | Oduvaldo Vianna Fº         | 1974 |
| Gota d'água                 | Paulo Pontes/Chico Buarque | 1975 |
| No coração do Brasil        | Miguel Fallabela           | 1992 |

Quadro 1- Constituição do *corpus*

Para efeito de análise quantitativa, dividimos esse conjunto em dois blocos, identificados como 1º e 2º período. No primeiro período, que vai até 1949, observa-se a variação entre você e tu, respeitando-se a flexão verbal padrão (*você cantou, tu cantaste*), o que tem, naturalmente, reflexos no uso do pronome, uma vez que a informação sobre a pessoa do sujeito está também na desinência verbal específica de 2ª pessoa do singular. Nas peças da segunda metade do século XX, começa a surgir o uso não-padrão do pronome tu, que iguala todas as formas

verbais na terceira pessoa do singular, dificultando a identificação da referência. Para ter-se uma visão geral da distribuição das variantes nos períodos, observe-se a tabela 1 abaixo:

| Período        | 1845- 1949 (1º) |     | 1957-1992 (2º) |     |
|----------------|-----------------|-----|----------------|-----|
| <b>Pronome</b> |                 |     |                |     |
| tu             | 48/624          | 8%  | 142/502        | 28% |
| você           | 122/624         | 20% | 259/502        | 52% |
| o sr.          | 84/624          | 13% | 13/502         | 3%  |
| Total          | 254/624         | 41% | 401/502        | 82% |
| 0 (v./o sr.)   | 208/624         | 33% | 88/502         | 18% |
| 0 (tu)         | 162/624         | 26% |                |     |
| Total          | 307/624         | 59% |                |     |

**Tabela 1 - Distribuição geral das variantes na amostra**

O primeiro fato que salta aos olhos é a diferença nas taxas de omissão do sujeito. Note-se que no primeiro período o emprego das formas flexionadas de segunda pessoa eleva para 26% o percentual de ausência do sujeito tu, que, somado às omissões de você e o senhor (verbo na terceira pessoa) atinge o total de 59% de sujeitos zero para referência à segunda pessoa. Esse percentual representa quase o dobro do encontrado por Paredes Silva (1988) numa amostra de escrita informal (cartas pessoais).

Já no segundo período, quando não encontramos tal flexão e as formas verbais usadas para a segunda pessoa são tomadas da terceira, a taxa de sujeitos zero cai para 18%. Observe-se que nesse caso fica difícil distinguir com clareza se a ausência de sujeito corresponde a uma forma você, tu, ou o senhor, exceto em contextos em que o zero vem imediatamente precedido da forma explícita. Como o que de fato estava em jogo no caso era a ausência de sujeito (e não algum tipo de forma subjacente), para efeito de tratamento quantitativo, todos os zeros foram tratados em conjunto.

Merecem ainda um comentário os percentuais relativos ao uso dos pronomes tu e você nos dois períodos. No 1º período, assistimos a um decréscimo no uso de tu, que começa em 18% em Quem casa quer casa (1845) e chega a uma média de 3% nas últimas peças do período. O pronome você faz um movimento inverso: sequer aparece explícito na primeira peça e atinge a faixa dos 40% naquelas últimas em que o tu se apresenta em declínio.

Quanto ao 2º período, não é possível traçar com tanta clareza uma linha ascendente ou descendente para os dois pronomes, e para isso pesa a própria

distribuição das peças. Embora se verifique o aparecimento do novo tu em todas as peças, sua frequência é bem desigual: muito baixa (1%) em Gota d'água, muito alta (90%) em Gimba, o que nos tem levado a ampliar esse corpus, para se obter respostas mais precisas. Quanto ao uso de você, mantém-se bastante elevado em todas as peças, excetuando-se, naturalmente, Gimba, onde o tu predomina.

Observe-se, finalmente, a queda no uso de o senhor, talvez em parte motivada por uma tendência atual de estender o uso de você para pessoas mais velhas, nas relações familiares; por outro lado, relacionada ao fato de as peças do 2º período trazerem personagens que usam uma linguagem menos formal e apresentam distinções sociais menos marcadas.

### Tratamento dos dados

Para que houvesse uma distribuição equilibrada dos dados, de cada peça foram extraídas cerca de cem ocorrências, ou seja, as cem primeiras orações em que havia referência ao ouvinte (exceto em *Quem casa quer casa*, peça mais curta, que não atingiu esse total). Para efeito de segmentação de orações, seguiu-se a sintaxe tradicional no tratamento das locuções verbais.

Todos os sujeitos tinham um referente específico, deixando-se de lado os casos de 2ª pessoa com valor indeterminado. Foram excluídas da amostra as formas de imperativo, que merecem estudo à parte, no que diz respeito à chamada "mistura de tratamentos".

Os dados foram analisados de dois pontos de vista: por um lado, a variação entre presença e ausência de pronome sujeito; por outro lado, a oposição entre o uso de tu e de você. A primeira dessas questões já foi estudada no português do Brasil em amostras de língua falada e de língua escrita, quase sempre numa perspectiva sincrônica (2). A respeito da segunda, no entanto, não temos notícia de nenhum tratamento variacionista.

Os dados de todo o corpus foram submetidos aos mesmos conjuntos de fatores. Para a alternância entre presença e ausência de sujeito, partimos de algumas variáveis já testadas em outras investigações de natureza semelhante (cf. Paredes Silva 1988,1996), entre elas *mudança de referência*, *ambigüidade*, *presença de um elemento precedente*, *tipo sintático da oração*. Além disso, investigamos também fatores sociais, embora já se esperasse, com base nos trabalhos citados, que não tivessem muito peso. Por outro lado, trabalho anterior sobre o retorno do pronome tu à fala carioca (Paredes Silva 1996) já havia apontado este fenômeno como socialmente marcado. Por essa razão, para aplicar variáveis sociais, atribuímos uma categorização de *sexo* e *idade* aos personagens das peças. Quanto à faixa etária, tivemos por vezes algumas dificuldades, já que alguns autores não explicitam a idade de seus personagens, obrigando-nos a tomar algumas decisões baseadas em informações do próprio texto. Além disso, foram controlados também fatores que diziam respeito à natureza das relações

entre os participantes, como por exemplo, se eram relações simétricas ou assimétricas.

O pacote de programas estatísticos VARBRUL (para análise da regra variável) permite que se façam várias combinações quando se lida com variáveis enérias, como em nosso caso. Por exemplo, considerando-se a especificidade dos dois conjuntos de dados, constatou-se que, para o primeiro período, a alternância mais significativa era entre o uso do pronome sujeito explícito (fosse ele qual fosse) e sua ausência. Já para o segundo, o que mais nos interessava era ver o comportamento das variantes você e tu, procurando definir os contextos preferenciais de cada uma.

Dadas as limitações de tempo, vou centrar a apresentação dos resultados num aspecto que me parece dos mais interessantes na comparação dos dois períodos analisados e que passo a expor.

Como já disse acima, o fato de termos, no 1º período, flexão verbal de 2ª pessoa e no 2º período apenas o pronome tu explícito, sem forma verbal padrão correspondente, dificultava o tratamento quantitativo dos dados num único conjunto. Desse modo, para efeito de análise da regra variável, os dados de cada período compuseram arquivos distintos, submetidos separadamente aos cálculos computacionais do programa VARBRUL. Lembremos que esse programa, além de atribuir pesos relativos a cada fator, apontando sua correlação mais forte ou fraca com a variante em questão, também apresenta uma seleção dos grupos de fatores considerados mais relevantes. O ponto digno de nota é que tanto para o 1º como para o 2º período, os fatores selecionados nas rodadas que opunham presença e ausência de sujeito foram basicamente os mesmos, a saber, *ambigüidade*, *mudança de referência e de turno*, *elemento precedente* e a própria *peça* onde se encontra a ocorrência.

Quando a análise passa a focalizar a oposição entre uso de tu e você, os grupos de fatores correlacionados se modificam. Passam a prevalecer fatores de ordem externa, isto é, *idade* e *sexo* dos participantes, assim como as *relações entre eles*. Essas tendências também se repetiram nos dois períodos.

Tratemos inicialmente da questão da presença/ausência de sujeito, concentrando-nos nos dois fatores mais bem colocados na seleção do programa, para depois passar para a oposição tu/você.

### **Presença vs. ausência de sujeito**

Remonta às gramáticas tradicionais do português o hábito de atribuir-se à *ambigüidade* uma das principais motivações para se explicitar o sujeito pronominal, tido como normalmente dispensável. O sujeito seria necessário apenas em alguns casos, entre eles, "evitar o equívoco". (Cunha 1970:205)

A *ambigüidade* pode ser tratada no nível apenas morfológico ou no nível contextual. A *ambigüidade* morfológica é muito frequente no português, devido

ao uso de formas verbais de 3ª pessoa para a 2ª. Além disso, em alguns tempos de nossa conjugação verbal (imperfeito, futuro do pretérito e tempos do subjuntivo) há coincidência também entre formas de 3ª e de 1ª pessoa do singular. Na maioria das vezes, no entanto, o contexto se encarrega de esclarecer a referência.

Em nossa análise, tomou-se a *ambigüidade* apenas no nível contextual. Foi considerada contextualmente ambígua qualquer oração cujo referente do sujeito, se não explicitado, não poderia ser identificado. Isso se verifica, por exemplo, quando na seqüência anterior há algum candidato a sujeito da oração que se possa confundir com o da oração sob análise, caso este seja omitido. Ou ainda, se a ausência de sujeito trazer uma interpretação diferente, atribuindo um valor de impessoalidade ou indeterminação à seqüência (exemplo 1, abaixo). No exemplo (2), a omissão do pronome poderia levar-nos a tomar a 1ª pessoa como sujeito da oração.

(1) Vadeco — ...Um homem sensato contenta-se com o que a vida lhe reserva. Se lhe falta o pão, a saúde, a moradia...sofre, mas não se revolta. Toma responsabilidade sobre si mesmo; e agradece sempre a Deus, a vida que, às vezes, é tão boa de viver.

Yara — O senhor é interessante. (AVTTA, p.30) (3)

(2) Antonio — É... Eu vim trazer para o Sr. Justino umas laranjas, que estão mesmo daqui (Segura a ponta da orelha)

Fabício — Era isto que você estava dizendo à criada. (OCOS p. 15)

A *ambigüidade* é um fator fortemente correlacionado à escolha entre sujeito explícito ou não, na fala e na escrita. Afinal, se nosso desejo é que a comunicação se estabeleça de forma clara para o ouvinte, devemos ajudá-lo em sua tarefa de identificar o sujeito da frase. Nesse sentido, podemos acrescentar que se trata de uma motivação funcional. As tabelas abaixo nos mostram a correlação dessa variável com os dados de cada período. Tomou-se como aplicação da regra a omissão do sujeito.

|         | Apl/ T  | %   | Peso rel. |
|---------|---------|-----|-----------|
| Ambíguo | 5/56    | 8%  | .08       |
| Não-amb | 365/563 | 65% | .57       |
| Total   | 370/624 | 59% |           |

**TABELA 2— Efeito da *ambigüidade* na omissão de sujeitos de 2ª pessoa /1ª período**

|         | Apl/ T | %   | Peso rel. |
|---------|--------|-----|-----------|
| Ambíguo | 3/123  | 2%  | .10       |
| Não-amb | 85/378 | 22% | .67       |
| Total   | 88/501 | 18% |           |

**TABELA 3— Efeito da ambigüidade na omissão de sujeitos de 2ª pessoa /2º período**

Os resultados da Tabela 2 correspondem a todos os zeros vs. todas as formas explícitas, reunindo formas verbais de 2ª e 3ª pessoa. Já a Tabela 3 apresenta resultados que envolvem apenas formas verbais de terceira pessoa. Na comparação entre as tabelas, como se pode verificar, apesar da diferença em termos percentuais, os pesos relativos são bastante próximos e a polarização é bem acentuada.

A *mudança de referência* também é uma variável que tem revelado forte correlação com fenômenos de presença/ausência de sujeito, em trabalhos variacionistas sobre o português e o espanhol (Bentivoglio 1980, Lira 1982, entre outros). A hipótese a ela subjacente é que caso o sujeito sob análise tenha o mesmo referente do sujeito da oração anterior, haverá uma tendência à omissão do pronome, por manter-se uma continuidade no discurso. Caso, ao contrário, haja mudança de referência, o falante tenderá a explicitá-lo.

Nesta análise a *mudança de referência* foi associada à *mudança de turno*. Como estamos lidando com falas, muitas vezes curtas, de personagens de uma peça teatral, era necessário ver como as duas perspectivas se associavam. Desse modo, este grupo de fatores ficou assim constituído:

- mudança de referência, mesmo turno
- mudança de referência, outro turno
- + mudança de referência, mesmo turno
- + mudança de referência, outro turno

Os exemplos abaixo ilustram cada uma dessas situações, respectivamente:

- (3) Eustórgio - Oh, Adélia, você estava aí? (0) Quer um bombom? (AVTTA p. 6)
- (4) Rodrigo - Não te mandei dizer nada para causar-te uma surpresa.  
Angelo - (0) Fizeste mal. Eu e minha mulher teríamos prazer em vir buscar-te a bordo. (OD p. 29)
- (5) Damião - Pois eu alugo para o serviço criados do Carceler, e a senhora quer me envergonhar? (MP p.8)

- (6) Justino - Esse Leocádio é tapado como uma porta sem fechadura!  
 Inácia - Você também arranja cada empregado aqui para casa... (OCOS p.4)

As tabelas abaixo apresentam os resultados dessa variável por período:

|                   | Apl/T   | %   | Peso relativo |
|-------------------|---------|-----|---------------|
| - MR, mm. turno   | 98/133  | 74% | .65           |
| - MR, outro turno | 48/76   | 63% | .51           |
| + MR, mm. turno   | 108/189 | 57% | .47           |
| + MR, outro turno | 116/226 | 51% | .43           |

**TABELA 4 — Efeito da mudança de turno e de referente na omissão de sujeito(1º período)**

|                   | Apl/T  | %   | Peso relativo |
|-------------------|--------|-----|---------------|
| - MR, mm. turno   | 52/122 | 43% | .86           |
| - MR, outro turno | 3/40   | 7%  | .33           |
| + MR, mm. turno   | 16/168 | 10% | .33           |
| + MR, outro turno | 17/171 | 10% | .38           |
| Total             | 88/501 | 18% |               |

**TABELA 5 — Efeito da mudança de turno e de referente na omissão de sujeito(2º período)**

Os resultados numéricos confirmam claramente que a manutenção do mesmo referente (-MR) no mesmo turno, que configura maior conexão discursiva, torna o sujeito mais predizível e, conseqüentemente, mais passível de omissão. Para os dados do 1º período o outro pólo está exatamente na mudança de ambos, referente e turno. Quando se associam novo turno e novo referente, a dificuldade de identificação do sujeito aumenta. Nesse caso ele tende a ser mais explicitado. Já no 2º período as demais situações opostas à primeira têm comportamento aproximado.

Esses resultados estão de acordo com os de outros trabalhos variacionistas, que têm apontado a relevância desse condicionamento nas línguas de sujeito nulo.

### **Sujeito TU VS. sujeito VOCÊ**

Como já foi dito acima, quando se passa a focalizar a oposição entre o uso de formas de 2ª pessoa (explícitas ou não) e 3ª (idem), os fatores selecionados pelo VARBRUL são outros. Vamos apresentar apenas os resultados referentes à *idade* e ao *sexo* dos participantes, no primeiro e no segundo período do corpus.



No 1º período, mostraram-se significativos a *idade* do personagem e a *relação etária* entre os participantes, isto é, se se tratava de jovem falando com adulto, ou jovens ou adultos falando entre si. Quanto à *idade*, foi feita inicialmente uma codificação tripartida, que os dividia em: jovens (até 20 anos), médios (de 30 a 40 anos) e maduros (mais de 40 anos). No entanto, como não havia uma boa distribuição dessas faixas por peça, decidiu-se juntar médios a jovens, criando apenas duas faixas: mais jovens e mais velhos. Os resultados assim se apresentaram:

|             | Apl/T   | %   | Peso relativo |
|-------------|---------|-----|---------------|
| mais jovens | 138/399 | 35% | .61           |
| mais velhos | 72/ 225 | 32% | .31           |
| Total       | 210/624 |     |               |

**TABELA 6— Efeito da *idade* no uso de tu ou flexão de 2ª pessoa (1º período)**

No 2º período, foi possível manter a divisão tripartida. Lembro que nesse caso, os dados em questão correspondem apenas à oposição entre você e tu como sujeitos explícitos, representando este último os casos novos de uso não padrão. Os resultados nos foram extremamente favoráveis, no sentido de confirmar nossa hipótese de uma possível mudança: são os jovens os que mais fazem uso dessa forma, que vai caindo paulatinamente à medida que se avança em idade. Vejamos a tabela:

|         | Apl/T   | %   | Peso relativo |
|---------|---------|-----|---------------|
| jovens  | 56/135  | 41% | .71           |
| médios  | 74/211  | 35% | .41           |
| maduros | 12/54   | 22% | .29           |
| Total   | 142/400 |     |               |

**TABELA 7— Efeito da *idade* no uso de tu vs. você (2º período)**

Outro fator externo que se revelou significativo foi o *sexo* do personagem. Com relação ao 2º período, esses resultados podem ser um indício de mudança em curso: formas inovadoras não padrão tendem a ser mais usadas por homens do que por mulheres, e foi isso que se verificou, conforme aponta a Tabela 9:

|          | Apl/T   | %   | Peso relativo |
|----------|---------|-----|---------------|
| homens   | 123/284 | 43% | .60           |
| mulheres | 87/340  | 26% | .42           |
| Total    | 210/624 |     |               |

**TABELA 8— Efeito do *sexo* no uso de tu vs. você (1º período)**

|          | Apl/T   | %   | Peso relativo |
|----------|---------|-----|---------------|
| homens   | 77/200  | 38% | .68           |
| mulheres | 65/200  | 32% | .32           |
| Total    | 142/400 |     |               |

TABELA 9— Efeito do *sexo* no uso de *tu* vs. *você* (2º período)

### Considerações finais

A análise apresentada aponta-nos dois aspectos. Por um lado, houve sem dúvida, ao longo dos dois períodos, um crescimento nas taxas de preenchimento do sujeito de 2ª pessoa do singular no português falado do Rio de Janeiro. Ele decorre em parte da perda da flexão verbal específica para a 2ª pessoa e da ambigüidade dela resultante, quando a referência à 2ª e à 3ª pessoa passa a ser feita através das mesmas formas verbais. Mas não podemos creditar apenas à *ambigüidade* a tendência à explicitação do pronome. Fatores como a *mudança de referência e de turno* mantiveram-se, nos dois períodos, atuando com a mesma força, o que poderia levar-nos a pensar numa alteração de níveis percentuais globais, ao longo dos anos, mas com alguma estabilidade. Fatores como *idade e sexo*, que talvez nos dessem alguma pista de mudança, não aparecem correlacionados a essa escolha entre presença e ausência de sujeito. Pode-se ainda acompanhar claramente a ascensão da forma *você*, consolidando-se como verdadeiro pronome de 2ª pessoa ao longo da primeira metade do século, em detrimento de *tu*.

Num segundo momento, constatamos o reaparecimento de *tu* no uso não padrão. Esse fenômeno já era percebido na década de 50, e foi explorado pelos autores inicialmente como uma estratégia para marcar a condição social de personagens, como é o caso em *Gimba* ou *Pedro Mico*, peças ambientadas em favelas cariocas, cujos protagonistas vivem na marginalidade. Seu emprego passa depois a estender-se a outros contextos sociais, como vemos no texto de *Falabella*, cujos personagens poderiam ser classificados como de classe média baixa. Essa expansão, já a pudemos constatar na amostra de fala carioca analisada em 1996. (cf. Paredes Silva 1996) Assim, teríamos a ocorrência de *tu* inicialmente em contextos restritos, alastrando-se para os demais, num quadro típico de mudança em progresso. O fato de ser preferencialmente proferido por homens jovens está perfeitamente de acordo com o que se encontra na literatura variacionista sobre a alternância entre formas com e sem prestígio: nos processos de variação e mudança, os homens seguem na frente quando a mudança vai na direção contrária à norma. E este parece ser o nosso caso.

Finalizando, gostaria de ressaltar que esta análise aponta apenas tendências, com base num material até certo ponto limitado. Atualmente estamos expandindo o *corpus*, especialmente no que se refere ao 2º período, para que se possa entender melhor a trajetória do *tu* não padrão.

### Notas

- 1 O trabalho aqui apresentado é parte de um projeto de pesquisa desenvolvido com o apoio do CNPq, intitulado "O percurso da variação na referência à segunda pessoa no português carioca" e faz parte do Projeto Integrado PEUL\*/UFRJ
- 2 Duarte (1993) faz um estudo do sujeito pronominal nas três pessoas também num corpus de peças teatrais.
- \* (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).
- 3 Nos exemplos, identificam-se as peças por suas iniciais.

### Referências Bibliográficas

- BENTIVOGLIO, P. (1980) *Why canto and not yo canto?* The problem of first person subject pronoun in spoken Venezuelan Spanish. M. of arts Thesis. Univ. of California.
- CUNHA, C. (1970) *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares.
- DUARTE, M.E. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- ILARI, R. et alii (1996). Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: A.T. CASTILHO & M. BASÍLIO (orgs.) *Gramática do Português Falado V. IV*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- LIRA, S. (1982) *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Dissertation. Univ. of Pennsylvania
- PAREDES SILVA (1988) *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. UFRJ
- (1996) *A variação na referência à segunda pessoa no português carioca*. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq.
- PINTZUK, S. (1988) *VARBRUL Programs*. 40fl. (mimeo) ed.)
- SAID ALI, M. (1969). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo. Melhoramentos.